

Pesquisa Multidisciplinar EM SAÚDE

EDIÇÃO XV

Capítulo 2

IMPACTO DAS *FAKE NEWS* DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

JOCÉLIO TAVARES DA SILVA¹
SAULO BARRETO CUNHA DOS SANTOS²
EDNA MARIA DO NASCIMENTO TAVARES³
AMANDA DA SILVA TOMÁS⁴
NAIARA TEIXEIRA FERNANDES⁵
ANA JÉSSICA SILVA DAMASCENO⁶
SARAH BRAGA DE ARAÚJO⁷
THAIS MENEZES PEREIRA RODRIGUES⁸
CARLOS HENRIQUE SILVA DE BRITO⁹
JEFFERSON DE LIMA COSTA¹⁰
KLENIANE LOPES DE FREITAS¹¹
MARCELO DE SOUSA NASCIMENTO¹²
SAMARA KELLY SOUSA MACÊDO¹³
ELIAS FARIAS MONTE JUNIOR¹⁴
CARLA REGINA DE SOUSA SANTANA¹⁵

¹Especialista em Comunicação Pública pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante

²Mestrando em Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

³Acadêmica de Nutrição pelo Centro Universitário Inta

⁴Especialista em Pediatria e Neonatologia pela Faculdade Unyleya

⁵Enfermeira pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

⁶Especialista em Terapia Intensiva pela Faculdade Telos

⁷Especialista em Gestão de Assessoria de Comunicação e Mídias Digitais pelo Centro Universitário Inta

⁸Especialista em Assessoria de Comunicação pela Faculdade Estácio de Sá

⁹Especialista em Gestão de Marketing e Comunicação Integrada pelo Centro Universitário Inta

¹⁰Mestrando em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Ceará

¹¹Mestranda em Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

¹²Especialista em Obstetrícia e Neonatologia pelo Ieducare.

¹³Especialista em caráter de Residência em Urgência e Emergência pelo Centro Universitário Inta.

¹⁴Especialista em Terapia Intensiva pela Faculdade Fleming.

¹⁵Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Faculdade Holística

Palavras-chave: Jornalismo; Fake news; Pandemia

INTRODUÇÃO

No Brasil, o caso índice suspeito de *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-Cov2), mais conhecido pela sigla COVID-19, foi notificado em 22 de janeiro de 2020. Quatro dias depois, ele foi confirmado e considerado o primeiro da doença no país e em toda a América Latina. Desde então, os casos multiplicaram-se em progressão geométrica, levando o Brasil a tomar medidas preventivas como outros países, principalmente do continente europeu, em especial o isolamento social.

A circulação de narrativas construídas com informações dissonantes sobre o novo coronavírus emerge de um cenário no qual a expressão *fake news* ganha amplitude, sendo usada em múltiplos sentidos, que extrapolam a ideia de não veracidade da informação.

Wardle e Derakhshan (2017), consideram mais apropriada a forma “desordem da informação”. Levando em conta as dimensões de dano ou de falsidade, os autores distinguem *mis-information*, quando informações falsas são compartilhadas, mas não há intenção de prejudicar; *dis-information*, quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos; e *mal-information*, quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes destinadas a permanecer privadas para a esfera pública.

Compreendendo o cenário em que o país se encontrava durante a pandemia e identificando a vulnerabilidade da população, é possível compreender que a doença não escolhe pessoa, nem camada social, ela ocorre de forma indiscriminada. Tal como o vírus da COVID-19, a disseminação de notícias diversas acontece em paralelo, gerando prejuízo que causa a informação equivocada em saúde para a população. Muitas informações e notícias foram postadas nas mí-

dias sociais, o que conduziu a diversos compartilhamentos, criando uma rede com conteúdo e pseudoinformações.

Em tempos de avanços tecnológicos, estas notícias falsas são veiculadas nas redes sociais, de forma rápida e multiplicada entre a população, que, em linguagem metafórica, pode-se entender como um vírus que contamina a comunicação e promove ações e comportamentos contrários às orientações das autoridades técnicas no campo da saúde.

Este fenômeno tem registro na escrita da história desde o Império Romano, mas no tempo presente, com a Internet, ocorre aceleração avassaladora. Em 2018, o Ministério da Saúde brasileiro criou um espaço em um sítio eletrônico e nas redes sociais e se propôs a esclarecer os fatos com base nas evidências científicas e suas fontes. Isto foi necessário em virtude de um parecer que apontou que aplicativos de trocas de mensagens dificultavam a população de se proteger de doenças, tais como febre amarela, gripe e sarampo.

No cerne dos acontecimentos, diversas notícias foram publicadas nos meios de comunicação e consumidas pela população, em geral, quando muitas delas eram falsas, pois foram informações produzidas de forma inverossímil que, sem a devida averiguação, leva o leitor ao erro.

Na carona de iniciativas independentes de *fact-checking*, veículos de comunicação tradicionais têm implementado editorias próprias dedicadas à verificação de fatos, o que demanda investimento, recursos humanos e tempo. A capacidade de viralização das *fake news*, assim sendo, tem demandado novas habilidades, oportunidades e mais trabalho no campo do jornalismo.

Portanto, os jornalistas precisam também reportar as falsidades que circulam online e explicar à audiência, com transparência, o porquê

aquilo é falso. Isso precisa ser feito em nível local, regional, nacional, de modo a se tornar conhecido ao grande público. Ao mesmo tempo, peças de *fake news* e outros conteúdos enganosos são parte hoje de uma crise epistêmica acentuada, o que significa que parte do público que consome notícia fabricada, negacionismo e distorções em série são resistentes a correções e são críticos contumazes da imprensa.

Então, coube ao jornalismo dar voz aos pesquisadores e cientistas ao longo da cobertura da pandemia, pois é através dos veículos de imprensa que a ciência pode ser ouvida e colocada em prática.

Diante do exposto, surgiu a questão norteadora do presente estudo: qual o impacto das *fake news* no cenário pandêmico de COVID-19 no Brasil? Para responder a tal questionamento, foi estabelecido como objetivo: discutir o impacto das *fake news* durante a propagação de informações na pandemia.

Diante do exposto, o objetivo foi discutir o impacto das *fake news* durante a propagação de informações na pandemia.

MÉTODO

A busca das falsas notícias ocorreu no banco de dados do Ministério da Saúde, no cenário da pandemia de COVID-19, no período de 29 de janeiro a 31 de março de 2020, quando foram identificados 70 registros, que após a coleta de dados, foram repassados à tabela abaixo (**Tabela 2.1**), para organização das informações como a data de publicação, título da notícia, veículo de informação e síntese dos registros.

Foram originadas cinco categorias: informações relacionadas aos discursos de autoridades na saúde (40), terapêutica (17), medidas de prevenção (nove), prognósticos da doença (duas) e vacinação (duas).

Tabela 2.1 Exemplos de *fake news*, Sobral, 2023

Categoria	Título da Notícia	Veículo de informação	Contra-argumentação
Informações relacionadas aos discursos de autoridades na saúde	Aplicativo Coronavírus-SUS, do Governo do Brasil, é inseguro	WhatsApp	O aplicativo Coronavírus-SUS-COVID-19, foi desenvolvido pelo Ministério da Saúde, com as precauções de segurança em sua construção e na divulgação das informações
Terapêutica	Tomar bebidas quentes para matar o coronavírus		A mensagem possui características vagas, com erros ortográficos e pede seu compartilhamento. Ademais, a comunidade científica e a OMS não reconhecem nenhuma substância ou medicamento para cura.
Medida de prevenção	Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previnem coronavírus		Até o momento, não há evidência de nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento, muito menos beber muita água e fazer gargarejo com estas substâncias para prevenir a infecção pelo coronavírus.
Prognósticos da doença	Pesquisa publicada por cientistas chineses diz que coronavírus tornará a maioria dos pacientes do sexo masculino infértil	Sites	O artigo citado está em fase de pré-publicação e não foi revisado pelos pares, portanto tem pouco valor científico no momento. Esse artigo traz dados preliminares sobre a possibilidade de infecção de células do

Vacinação	Vacinas não são confiáveis
------------------	----------------------------

testículo pelo coronavírus (COVID-19), porém menciona que não existem dados suficientes para se estabelecer um risco de esterilidade masculina.

Todos os tipos de vacinas disponíveis tiveram sua eficácia comprovada cientificamente.

Fonte: Banco de Dados do Ministério da Saúde

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os exemplos apresentados no Quadro 1 mostram, por meio de amostragem aleatória, a disseminação de informações consumidas que circularam nas redes sociais pelo compartilhamento de *fake news*, freadas pelo Ministério da Saúde. Quando as evidências científicas passaram a ser questionadas no campo da política por alguns governantes, expõe a população à propagação de condutas inadequadas.

Além disso, sua construção conecta usuários de diversos tópicos nas redes sociais, o que faz pensar na formação da opinião pública. Logo, isto leva à crença de que a verdade se faz e se constrói para determinado grupo. Nesse sentido, traz-se à tona o debate em prol da saúde pública sobre *fake news*.

Em outras palavras, as informações veiculadas e identificadas pelo Ministério da Saúde desorientam a população ao produzirem efeitos que, ao serem compartilhadas, colocam em risco as condutas diretivas. Cabe destacar que, apesar de outros fatores contribuírem para condutas inadequadas, é necessário pensar naqueles que não tem acesso à saúde de forma equânime e igualitária, preconizada pelo Sistema Único de Saúde.

Portanto, o compartilhamento de *fake news* é apontado como uma das principais razões para a não aceitação de medidas preventivas e de cuidados estabelecidos pela ciência em prol da saúde pelo mundo.

Perini-Santos (2022), defende a noção de que resultam de uma crise de confiança nas sociedades. Segundo o autor, o que seria uma escolha da ignorância, por exemplo, o terraplanismo, é motivado por uma demanda de autonomia epistêmica, que só é verdadeiro aquilo que se pode provar por si mesmo e por um ideal de distribuição simétrica do conhecimento, onde todos devem ter direito à própria opinião.

O autor também aponta o caráter ilusório dessa autonomia, na medida em que um terraplanista depende das posições que alguém produziu, recebendo essas ideias baseadas em um recorte aleatório de informações científicas. Ele argumenta ainda que, muitas vezes, a adesão a determinadas teorias serve unicamente para sinalizar o pertencimento a um grupo.

Considerando o atravessamento desses fenômenos no contexto da pandemia, foram elencados temas centrais para a reflexão proposta, tais como a expansão do ecossistema da desinformação, em um cenário reverso da hiperinformação; a epistemologia do jornalismo, com seus discursos normativos e práticas.

CONCLUSÃO

O ecossistema da desinformação deslocou o lugar canônico do jornalista de quem “corre atrás da notícia” para o de “personagem denunciada”. Mas manteve, ainda que pela crítica, o reconhecimento do status dos repórteres, historicamente associados à imagem de cidadãos especiais, com acesso a informações privilegiadas que os outros mortais adorariam saber.

Não se pode negar que a tipificação não foi apresentada à análise, o que permite lacunas nesta comunicação; por outro lado, instiga o aprofundamento das tipificações para análise em estudos futuros.

Nessa lógica, o resultado da tipificação das *fake news* sobre a pandemia de COVID-19 pos-

sibilitou inferir que elas revelam possíveis interferências nos comportamentos e na saúde da população.

Outra inferência, trata-se da lógica a ser pensada, é sobre a privatização do sistema de saúde, considerando que direta e/ou indiretamente, tentam colocar em risco a credibilidade do SUS em virtude de interesses econômicos e políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA JR. A Audiência Presumida nas Notícias no Caso dos Telejornais Locais. 2002. 345 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PERINI-SANTOS, E. Desinformação, Negacionismo e a Pandemia. *Filosofia Unisinos*, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/FSU.2022.231.03>.

MORETZSOHN, SD. O Joio, o Trigo, os Filtros e as Bolhas: Uma Discussão Sobre *Fake News*, Jornalismo, Credibilidade e Afetos no Tempo das Redes. *Brazilian Journalism Research*, v. 15, n. 3, p. 574-597, dez. 2019. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1188/pdf_1.

POSETTI, J.; BONTCHEVA, K. Desinfodemia: Decifrar a Desinformação sobre a Covid-19 (Resumo de Políticas 1). Brasília: Unesco, 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/notice?id=p::usmarcdef_0000374416_por&locale=en.